

CEDI - P. I. B.  
DATA 31 / 12 1986  
COD. 52.000016

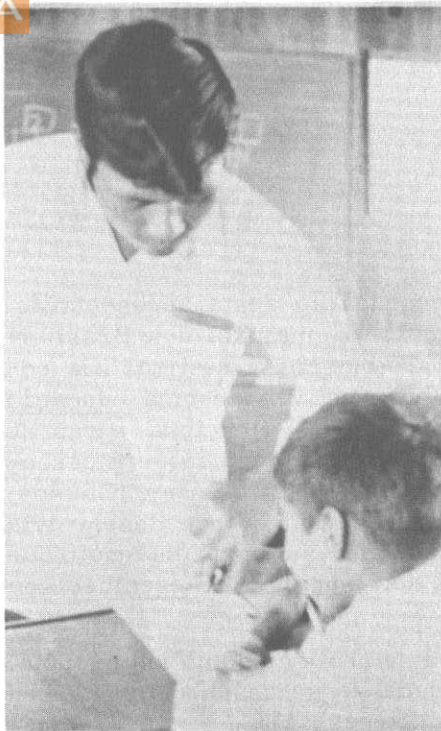
# O INDÍGENA BRASILEIRO E EDUCAÇÃO

Palestra dada pela Bárbara A. Newman (SIL)  
no 1º Seminário Fundação Nacional do Índio / Missões Religiosas  
7 de novembro de 1973  
Brasília

## INTRODUÇÃO

O Índio Brasileiro é a motivação e preocupação desta apresentação. Ele representa culturas e línguas diferentes da maioria dos Brasileiros, merecendo todo apoio necessário para que possa realizar sua potencialidade pessoal no campo que escolherá através de uma educação integral. A voz do Índio por enquanto é uma voz silenciosa, atrás de uma barreira lingüística e cultural, representando uma riqueza desconhecida. É esta barreira de comunicação que tem que ser rompida, emancipando o indígena na sua marcha de pensamento e desenvolvimento. Enfatizamos, pois, que a tese central desta apresentação é que o indígena carece do direito, como todo ser humano, de escolher seu destino.

Existem muitas maneiras legítimas para se realizar como ser humano. Cada uma precisa basicamente da liberdade de se desenvolver no seu próprio estilo e prosseguindo até seu limite pessoal.



## O PAPEL DO EDUCADOR

se apresenta através de duas definições, tomadas como ponto de partida:

"Educação é o processo que visa orientar o educando para um estado de maturidade que o capacite a encontrar-se conscientemente com a realidade, para na mesma, atuar de maneira responsável, a fim de serem atendidas necessidades e aspirações pessoais e coletivas".

(Introdução à Supervisão Escolar,  
Imídeo G. Nérici, 1973)

"Educação é um processo pelo qual uma sociedade transmite seus instrumentos, suas habilidades, conhecimentos, emoções, e valores, de uma geração à outra, assegurando a continuidade da cultura."

Destacamos algumas observações:

- orientar e não mandar ou resolver sem consultar
- maturidade indica que o educando será finalmente responsável por si mesmo
- realidade é o ambiente em que o indígena se encontra, cujo conceito é importantíssimo na elaboração de um programa educacional para o indígena
- assegurando a continuidade da cultura traz como subentendido que aquela cultura pelo processo normal de qualquer comunidade se modificará, mas que ela sempre mostrará traços distintos

Além das definições do que é educação, temos como orientação também a LEI Nº 4024 -

## LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

### Título 1 - Dos Fins da Educação

Artigo 1º - A Educação Nacional inspirada nos princípios de liberdade nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da Família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento da personalidade humana e sua participação na obra do bem comum;
- e) preparo do indivíduo e a sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitem utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo da convicção filosófica, política e religiosa, bem como a qualquer preconceito de classe ou de raça.

Observação: Incluem-se nesta Lei as respostas às preocupações em relação ao desenvolvimento comunitário, aspectos sócio-culturais e questões de saúde.

pois, que a educação e o educador devem:

- visar à autopromoção, autovalorização e emancipação do educando;
- acompanhar o educando no seu desenvolvimento de tal maneira que ele possa escolher inteligentemente, entendo o que vem a significar a sua escolha;
- esperar a possibilidade de que o educando optará pelo que ele considera melhor;
- aceitar, como parte do processo de educação, a mudança social, econômica e política;
- rejeitar a imposição de filosofias e exigências sobre o educando as quais ele, por livre escolha, não aceita ou não considera como necessárias.



## O EDUCANDO E O EDUCADOR NO CAMPO INDÍGENA

Muitas experiências educacionais com muita boa vontade e muita verba já foram feitas, mas o educando e o educador no campo indígena enfrentaram dificuldades que a boa vontade não resolveu. DO PONTO DE VISTA DO EDUCADOR, o problema maior encontrado no processo educacional no meio indígena está na língua, ou seja, na comunicação, subentendido que o educador é uma pessoa alheia à nação do educando. O educador, não conhecendo a língua do educando, não tem outro recurso senão usar uma língua desconhecida por este, ou seja, o português. Ao mencionarmos a comunicação, referimo-nos não somente ao uso da língua em si, mas conhecimentos, experiências e visão do mundo, cujos conceitos são diferentes para o aluno e para o professor. Entretanto, o educador é obrigado a deixar de lado a regra principal do ensino, "LEVAR O ALUNO DO CONHECIDO AO DESCONHECIDO", porque não há possibilidade de se ensinar conceitos novos através de uma língua desconhecida.

## RESULTADO:

O educando, não conseguindo aprender, chega à conclusão de que não possui esta faculdade, verificando para si mesmo o que muitos já disseram: "o índio não aprende". Por sua vez, esta experiência leva o educando indígena a menosprezar sua língua, sua cultura, sua gente, provocando a desintegração e desmoralização do povo. Alguns alunos conseguem satisfazer o professor de fora, decorando fatos, mas sem a capacidade de reorganizar e concretizar os mesmos conceitos na sua vida diária. Então, o fato de 'ir para aula' torna-se numa atividade inútil, sem ligação com sua vida cotidiana e que não alivia sua situação econômica. Unir a estes fatos que o período letivo frequentemente é interrompido por falta de plantação e etc. O aluno indígena inconsciente considera a aula uma coisa facultativa, contra o que ele é vacinado pelas razões acima elaboradas.



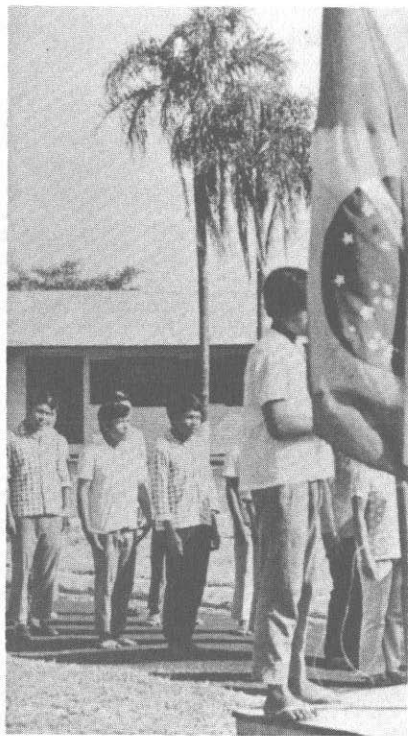


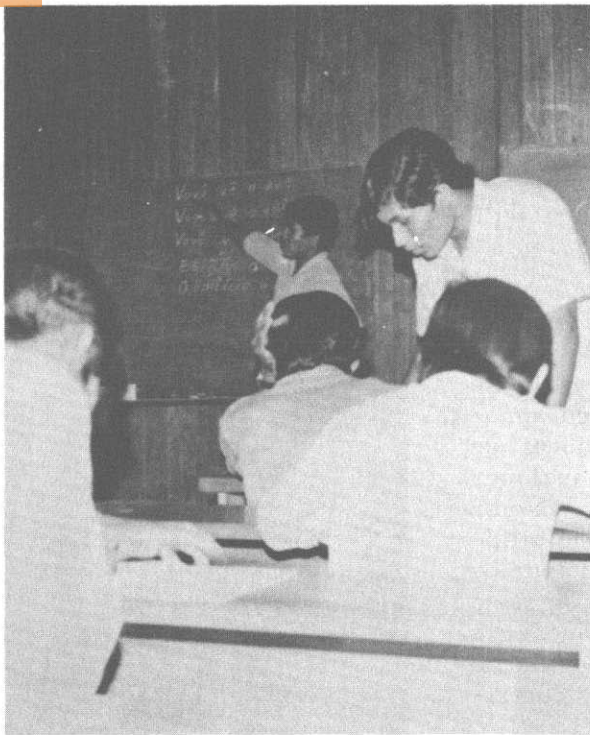
## O DILEMA

que se apresenta é como conseguir que o educando indígena chegue ao ponto de estudar, alcançando para si os objetivos da educação. AS SOLUÇÕES QUE SE APRESENTAM são duas: ou estabelecer-se um grande número de educadores nacionais com formação lingüística e antropológica (assim poderiam aprender a língua do educando e elaborar material didático adequado às necessidades), ou formar-se educadores indígenas. A segunda é a mais praticável, a mais óbvia, e a mais eficaz para a escolarização do educando indígena. A esta solução chamamos Educação Bilíngüe.

## A EDUCAÇÃO BILÍNGÜE

salienta, como teoria principal, o conceito de uma 'ponte de transição' pela qual o educando possa e deva se autopromover, autovalorizar e se emancipar, possibilitando seu aproveitamento do sistema nacional de educação e sua escolha em qualquer campo da atividade humana. Esclarecemos pois, que a educação bilíngüe não leva o indígena a deixar de sê-lo, mas, ao contrário, arma-o com a possibilidade de enriquecer a sua cultura através de uma formação mais ampla, e por sua vez, contribuindo para a vida nacional.





## A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA na formação de Monitores Bilíngües

no Brasil iniciou-se em 19 de fevereiro de 1970 com a presença de autoridades brasileiras e estrangeiras. Entre o povo Kaingáng, foi instalada a primeira escola normal indígena do Brasil, na Área Indígena Guarita, Tenente Portela, Rio Grande do Sul, O "Centro de Treinamento Profissional 'Clara Camarão'".

## OBJETIVOS GERAIS DO CURSO

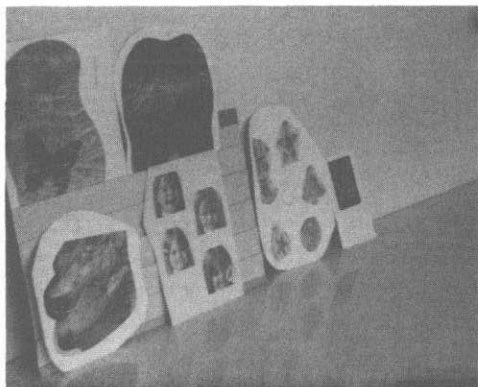
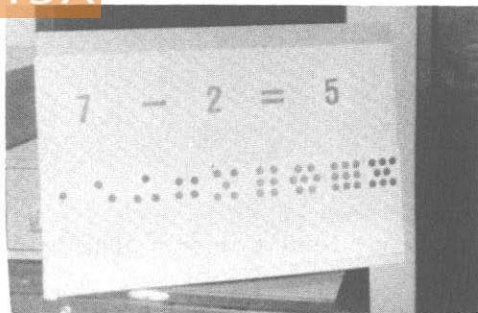
A Escola tomou como objetivos gerais oito itens:

- 1 - Promover a formação do senso de responsabilidade em relação a si próprios, para com seu trabalho, para com sua família e comunidade.
- 2 - Despertar o espírito-crítico no sentido de que se tornem mais aptos a desenvolver suas personalidades e para que melhor conduzam suas vidas.
- 3 - Colaborar no desenvolvimento do espírito de iniciativa a fim de colaborar, isto é, para que melhor possam atender suas necessidades e as de sua comunidade.
- 4 - Corroborar na sua auto-afirmação para que se constituam pessoas equilibradas, e que isto se reflita em maior atividade e mais realizações.
- 5 - Cultivar o desejo de servir ao desenvolvimento e integração das comunidades indígenas.
- 6 - Conduzir, pela educação bilíngüe, que caracteriza fundamentalmente a Escola, a uma reestruturação psicológica que colabore para sua integração à vida nacional.
- 7 - Salvaguardando sua cultura e tradições, auxiliar pela informação e formação, na sua integração à comunidade nacional.
- 8 - Levar à valorização do trabalho e estudo como meios para o desenvolvimento.

## OBJETIVOS NO USO DA LÍNGUA KAINGÁNG NO PERÍODO DO CURSO

Durante o Curso de treinamento, o estudo da Língua Kaingáng tomou um lugar de alta importância, com os seguintes objetivos:

- Conscientizar em relação à língua e suas estruturas; através dela conscientizar sobre os costumes indígenas, para que o aluno compreenda melhor a si mesmo.
- Valorizar a língua e costumes indígenas, a fim de despertar e animar a confiança em si, de parte do aluno, mostrando as riquezas e possibilidades da língua indígena.
- Comunicar os processos de aprendizagem para que aprendam a estudar.
- Confrontar a língua indígena com o português, para mostrar as semelhanças e as divergências a fim de que melhor assimilem o português.
- Ajudar o aluno a compreender o seu ambiente e a se integrar sem perder as suas particularidades.
- Preparar os educandos para que possam cooperar nas suas comunidades para a integração na sociedade brasileira.



Para desenvolver o uso da língua Kaingáng como meio de comunicação, algumas atividades foram estabelecidas:

- apresentação oral de notícias locais;
- apresentação oral de notícias mundiais;
- redação por escrito das mesmas notícias;
- confecção de um jornal bilíngüe com o uso da máquina de escrever, e mimeógrafo;
- tradução de artigos sobre saúde, etc.;
- confecção de cartazes e material didático na língua Kaingáng.

## O PONTO DE VISTA DO MONITOR

No dia da sua formatura, o Orador da Turma, Neri Kãmẽ-sĩ incluiu o seguinte no seu discurso. (Dezembro 1971.)

"A nossa formatura representa o fruto de um admirável trabalho promovido pela FUNAI, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e pelo Instituto Lingüístico de Verão, que em conjunto contribuíram para o funcionamento da nossa escola.... Sabemos que enfrentaremos muitos problemas, mas não desanimemos, pois a nossa vibração e entusiasmo são tão grandes que estamos ansiosos para iniciar o trabalho e certos de que venceremos todas as dificuldades com a ajuda de Deus e a compreensão dos homens.... A educação bilíngüe que vamos ministrar aos nossos alunos pode ser considerada um veículo de transição entre a língua indígena e a língua portuguesa, para que os mesmos tenham a possibilidade, mais tarde, de se integrarem na comunidade nacional... E para isto estamos prontos a nos sacrificar, o quanto fôr necessário, para desempenhar bem o nosso papel de Monitores Bilingües.



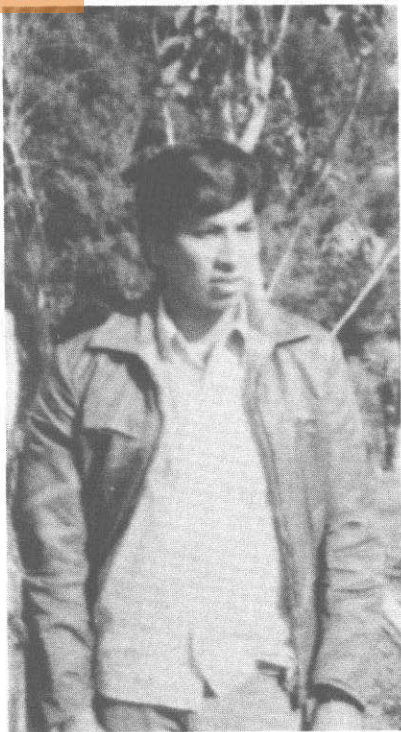


## O LEMA DA 1ª TURMA

|||  
"Através  
do Ensino  
Lutamos pela  
Emancipação  
do Nosso  
Povo."  
|||

Seis meses depois da sua formatura, num curso de reciclagem, foi dirigido um debate entre eles sobre o lema escolhido na época da formatura para saber em que pontos eles sentiam a falta de emancipação. Resumindo, destacamos cinco pontos importantíssimos que podem nos auxiliar a entender o ponto de vista do indígena, raramente esclarecido por ele:

- "Não temos liberdade de pensamento e ação.
- Não existe diálogo entre a comunidade indígena e a administração não-indígena.
- Não há quem procure entender nossas necessidades, nossos desejos.
- Sentimos falta de igualdade com o mundo não-índio em relação aos deveres e direitos de todo brasileiro.
- Por falta de conhecimento, não temos confiança no mundo não-índio."

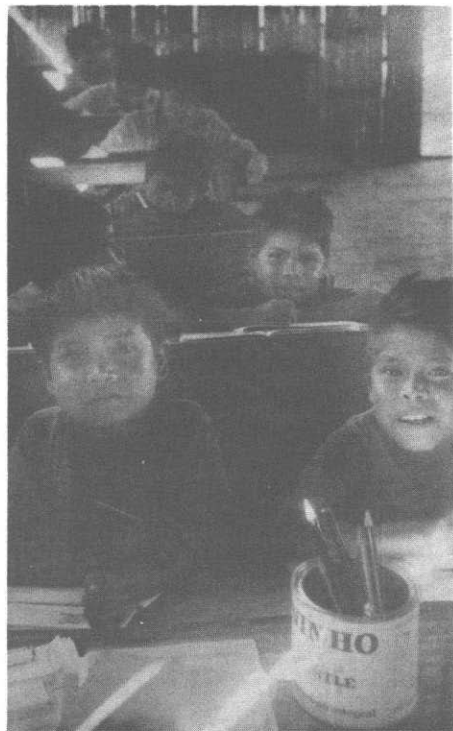


No encerramento do mesmo curso de reciclagem, Paulo Kyjyta falou em nome dos Monitores:

"Caros colegas e professores, há 70 anos que procurávamos a emancipação, e hoje damos uma nova tentativa rumo à mesma. Pois o desenvolvimento de um povo só é alcançado através do ensino. Portanto, crê o índio em nós que vamos fazer algo de grande importância em seu favor. Para realizar o mesmo não será fácil, já sabemos disso. Portanto, não vacilemos na resolução dos problemas existentes. Lembremo-nos, então, que temos um dever a ser cumprido. Vamos todos para os postos Monitores, promover a educação! Através do ensino lutamos pela emancipação do nosso povo. "

## ATUAÇÃO ATUAL DA 1ª TURMA

Atualmente esta 1ª Turma está alcançando 400 crianças do povo Kaingãng. Os Monitores são enquadrados como funcionários da FUNAI. Eles estão aplicando o seguinte programa em doze Postos Indígenas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As crianças ficam com o Monitor durante as primeiras duas séries e recebem as matérias normais. Além de aulas para as crianças, o Monitor ministra aulas noturnas para adultos onde estas são procuradas.



## PROGRAMA APLICADO PELO MONITOR BILÍNGÜE

| 1º semestre     | 2º semestre         | 3º semestre     | 4º semestre                         |
|-----------------|---------------------|-----------------|-------------------------------------|
| Pré-Leitura     | Língua Indígena     | Língua Indígena | Língua Indígena                     |
| Pré-Escrita     | (escrita e leitura) | Matemática      | Matemática                          |
| Pré-Cálculo     | Matemática          | Português Oral  | Português Oral                      |
| Português Oral  | Português Oral      | Estudos Sociais | Alfabetização na<br>língua nacional |
| Estudos Sociais | Estudos Sociais     |                 |                                     |

A divisão em diagonal indica o uso quase exclusivo da língua indígena no primeiro semestre e gradativamente, vai sendo introduzida a aprendizagem na língua nacional, até o término da 2a. série. Observe-se que somente no último semestre o educando começa a se alfabetizar na língua nacional; até este ponto ele vinha sendo alfabetizado na língua materna, aprendendo oralmente o Português.

Com o bom êxito desta experiência, e já com esperança de iniciar outras, a FUNAI apresentou a Portaria que aprova normas para educação dos grupos indígenas.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, no uso das atribuições que lhe conformem os Estatutos e de acordo com o Regimento Interno aprovado pela Portaria Ministerial nº 42-A, de 10/06/70, resolve baixar os atos a seguir publicados:

## APROVA NORMAS PARA EDUCAÇÃO DOS GRUPOS INDÍGENAS

Portaria 75/N da FUNAI DE 06/07/72

- considerando que os idiomas indígenas devem ser aproveitados em todos os sentidos nos programas de educação e divulgação cultural;
- considerando a necessidade de se estimular o desenvolvimento das capacidades dos grupos indígenas de modo que sua própria cultura não desapareça;
- considerando a necessidade da educação bilingüe como instrumento básico de integração;
- considerando a necessidade de regulamentar a grafia das publicações em língua indígena que deve constituir-se num elemento de transição à língua nacional;
- considerando, ainda, a necessidade de instrumentar a FUNAI para

o exame das representações gráficas e das publicações em língua indígena,

RESOLVE :

1. A educação dos grupos indígenas com problemas de barreira lingüística será sempre bilingüe ;

2. Será empregada a língua nacional do desenvolvimento dos programas educacionais dirigidos aos grupos indígenas que a tenham como língua habitual, sem prejuízo de se proporcionar o conhecimento das línguas nativas, como estruturação suplementar ;

3. A grafia das línguas indígenas, para textos de consumo dos grupos tribais deve ser a mais aproximada possível da grafia do português ;

4. Deve-se adotar como norma geral, na grafia das línguas indígenas, o princípio lógico de representação de um fonema por um único símbolo ;

5. O Departamento Geral de Assistência, mediante a colaboração do DGEPI, e através da sua Divisão de Educação, fica incumbido de reunir colaboradores técnicos, examinar e propor normas para a grafia das publicações em língua indígena ;

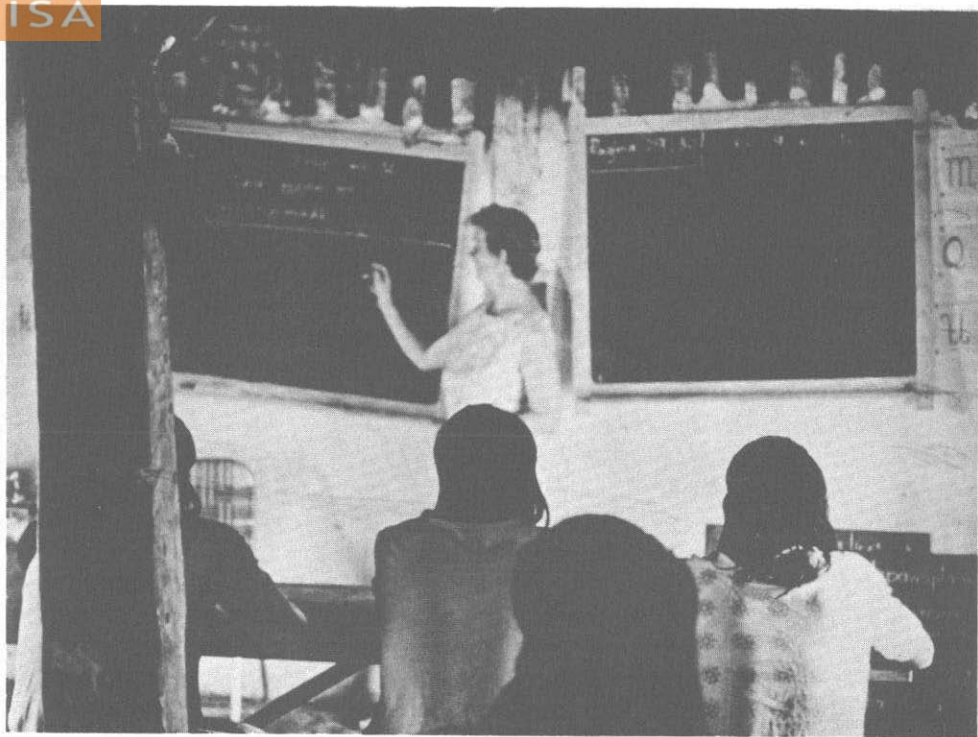
6. O mesmo Departamento, mediante a colaboração do DGEPI, e através da sua Divisão de Educação, fica incumbido, ainda, de reunir colaboradores técnicos para o exame e produção de textos a serem publicados em língua indígena.

## PROJETOS ATUAIS DE TREINAMENTO BÍLINGÜE

Projeto Karajá - centraliza suas atividades na Ilha do Bananal, Estado de Goiás. A primeira etapa de treinamento para os 12 candidatos realizou-se entre agosto e dezembro de 1972. Os 12 treinandos no seu primeiro estágio alcançaram 280 crianças com os princípios de alfabetização na sua língua materna. A 2a. Etapa está para começar agora.

Projeto Xavante - iniciou a primeira etapa em agosto de 1972, na aldeia de Paraíso, Mato Grosso, com 11 treinandos. Num estágio nas aldeias de origem alcançaram um total de 165 crianças. A 2a. Etapa realizou-se entre junho e setembro do ano corrente.

Projeto Guajajara - no estado de Maranhão, iniciou-se também em agosto de 1972 contando com 25 treinandos.







O Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão continua com a 2a. Turma, contando com 18 Kaingangs e 2 Guaranís. Um fato interessante é que um formado da 1a. Turma faz parte do Corpo Docente para a 2a. Turma.

Projeto Potiguara - No nordeste do país, na 3a. DR da FUNAI, encontram-se vários povos indígenas que não falam mais a sua língua materna. Falam o português, mas estudando a sua situação, destacou-se como necessário o treinamento de Monitores Indígenas de Educação destinados a fazer a ligação cultural necessário. Então são Monitores Biculturais, recebendo orientação para ajudar seu povo na mesma forma que o Monitor Bilíngüe, mas sem o uso de uma segunda língua. Esse projeto iniciou-se em agosto de 1973 e foi até dezembro com a sua primeira etapa.

## ASPECTOS GERAIS DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO BILÍNGÜE

### 1. Considerações antes de iniciar um programa

- pesquisa lingüística para incluir uma análise da língua, estabelecer uma ortografia fixa, elaborar cartilhas e preparar livros educacionais na língua indígena ;
- preparo de literatura indígena para incluir até 200 títulos, com autores indígenas ;
- levar ao conhecimento da comunidade indígena o conceito de educação bilíngüe e verificar que ela esteja preparada para aceitar e apoiar o programa ;
- a seleção dos candidatos da comunidade, e a aplicação de um teste de aptidão ;
- organização física, administrativa e pedagógica do curso de treinamento.

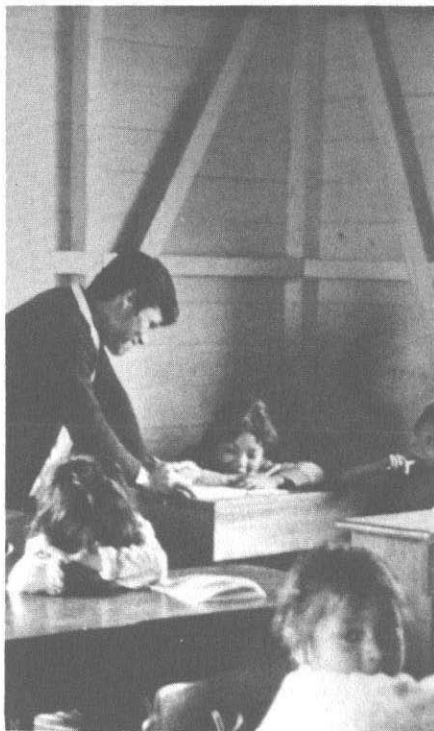
### 2. O Treinamento do Monitor tem como objetivos gerais:

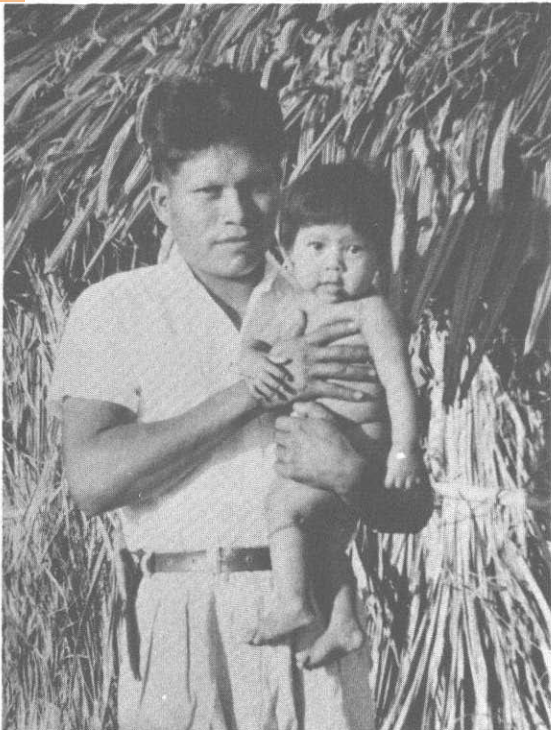
- melhorar o nível educacional do candidato ;
- acompanhar o desenvolvimento de atitudes e caráter concernentes a um Monitor Bilíngüe ;
- treinamento didático.

3. Supervisão do Monitor no campo - é indispensável que haja alguém que possa acompanhar o Monitor durante 2 anos pelo menos, visitando e levando orientação didática, e animando o Monitor.
4. Organização de encontros para fins de orientação didática

O Monitor, estando muito tempo sem uma orientação mais ativa, pode ficar desatualizado como qualquer professor. Ele também precisa se encontrar com seus colegas, para trocar idéias, etc.

O 1º Encontro da 1a. Turma de Monitores Bilíngües Kaingangs com esta finalidade realizou-se no início de agosto de 1973 em Curitiba.





"Seu rosto brilhou  
com profecia.  
Meu filho lerá  
e abrirá livros,  
e meu filho escreverá  
e conhecerá a escrita.  
E meu filho  
fará números  
e estas coisas  
nos farão livres  
porque ele saberá -  
ele saberá  
e através dele  
nós saberemos."

tradução  
"A Pérola" (The Pearl)  
por John Steinbeck

|  |    |
|--|----|
| Introdução   | 1  |
| O Papel do Educador  | 2  |
| Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                             | 4  |
| O Educando e o Educador no Campo Indígena                                  | 6  |
| O Dilema   | 8  |
| A Educação Bilíngüe  | 9  |
| A Primeira Experiência<br>na Formação de Monitores Bilingües no Brasil     | 10 |
| Objetivos Gerais do Curso  | 11 |
| Objetivos no Uso da Língua Kaingáng no Período do Curso                    | 12 |
| O Ponto de Vista do Monitor  | 14 |
| O Lema da 1 <sup>a</sup> Turma   | 16 |
| Atuação Atual da 1 <sup>a</sup> Turma                                      | 18 |
| Programa Aplicado pelo Monitor Bilíngüe                                    | 19 |
| Aprova Normas para Educação dos Grupos Indígenas<br>Portaria 75/N da FUNAI | 20 |

Projetos Atuais de Treinamento Bilíngüe 22

Aspectos Gerais de um Programa de Educação Bilíngüe 26

Composto e impresso pelo  
Summer Institute of Linguistics  
(Instituto Lingüístico de Verão)  
Brasília, DF

3. 22. 540--3C